



Questão 01

Ambos os textos apresentam o problema central da teoria do conhecimento, o da relação que se estabelece entre sujeito e objeto, voltando-se especificamente para a questão do estatuto epistemológico do objeto.

Para Berkeley, a atividade do espírito é caracterizada pela percepção, de modo que não há nada que a mente/espírito possa fazer além de perceber. Os conteúdos mentais, as ideias ou representações, são portanto percepções, cuja referência externa é colocada em questão pelo autor no excerto que ora analisamos. Berkeley entende que os "supostos originais ou coisas externas de que nossas ideias seriam cópia ou representação" também são percepções e, por esse motivo, também são ideias. Berkeley contesta assim uma ontologia para fora ou para além da percepção, estabelecendo uma epistemologia ao mesmo tempo de caráter empirista e idealista. Justifica-se, desse modo, a afirmação de que "só há uma substância, o espírito, o percipiente".

Assim como Berkeley, Quine coloca em evidência "o mito dos objetos físicos", que se prova eficiente por dar à ciência "uma estrutura manipulável no fluxo da experiência". Para Quine, esse esquema conceitual possibilitou a ciência como uma ferramenta. No entanto, o autor entende que o objeto do conhecimento, seja ele físico ou não (os "deuses"), integra nossa concepção de mundo como construções culturais. Diferentemente de Berkeley, portanto, Quine introduz a noção de cultura, de modo que o embasamento epistemológico a que se refere não é a existência onto-



lógica e substancial dos objetos conhecidos (posição realista também enfrentada por Berkeley) nem o puro idealismo de Berkeley segundo o qual ser é ser percebido, mas a noção de cultura.

Se o empirismo de Berkeley está centrado numa metafísica do sujeito percipiente, a perspectiva de Quine leva em conta a cultura, assimilando à sua perspectiva empirista, os fatores históricos e sociais que a comporta. A referência, portanto, para nossas percepções não são outras percepções, como em Berkeley, mas um mundo construído e pressuposto culturalmente.

Questão 02

O problema colocado por Popper diz respeito à questão da neutralidade científica, cuja pretensão teria marcado a racionalidade moderna desde suas origens no século XVI. De fato, a ciência moderna havia se erguido sobre o mito de que seria possível acessar a verdade da natureza mediante o método, chegando a conclusões isentas de subjetividade, absolutamente rigorosas e positivas. A crença neste mito alcançaria sua expressão máxima no século XX, no positivismo lógico do Círculo de Viena. Para os intelectuais deste movimento, o saber científico, expurgado de conteúdos vazios e submetido aos critérios da verificabilidade por demonstração, experimentação e aplicação da lógica matemática, estaria imune de quaisquer elementos que o impedissem de se efetivar como um saber "puro".

Ora, no excerto em questão, Popper reconhece não ser possível separar o trabalho científico de aplicações e valorações extra-científicas, contrariando,



importante, toda a tradição da "neutralidade". Para ele, com efeito, não há observação pura ou desinteressada, mas toda observação científica supõe uma atividade seletiva dos fenômenos. Nessa atividade seletiva, entram em jogo tanto um conjunto de valores de ordem científica quanto um conjunto de valores de ordem extra-científica. Popper alerta que, embora a neutralidade positivista seja impossível, é preciso distinguir essas duas ordens de valores. Valorar significa dar um determinado peso ou importância a algo, atribuindo-lhe relevância e significação. Já, por um lado, a atividade científica envolve sempre e continuamente valorações correspondentes ao seu próprio universo, aquelas valorações para fora de seu domínio devem ser rejeitadas e excluídas, segundo Popper.

Questão 03

No século XX, a teoria do conhecimento é ainda marcada pelas heranças positivistas e cientificistas do século XIX, com um agravante, a saber, o desenvolvimento da técnica e da tecnologia. Ela limitava-se, como observa Adorno, a descrever os desdobramentos de determinados modelos lógicos ou científicos, ou seja, como tais modelos possibilitavam alcançar resultados cognitivos. Pensar o conhecimento ^{ter-se reduzido} ~~reduzido~~, assim, a pensar como se aplica a lógica e a matemática, obtendo desta aplicação os elementos necessários para o progresso de uma civilização científica e tecnocêntrica. Nesse sentido, podemos pensar na lógica matemática de Frege e no neoposi-

tivismo de Carnap. Na base de tais impositões epistemológicas, estava excluída a reflexão de seus próprios pressupostos e da racionalidade que elas operavam. Tratava-se, portanto, de expressões a-críticas, afastadas em muito da natureza e da tarefa próprias à teoria do conhecimento.

Como lemos no Prefácio à CRÍTICA DA RAZÃO PURA, Kant ali inaugura a teoria do conhecimento como uma reflexão "crítica", voltada para uma compreensão de "como" se dá o conhecimento. A filosofia transcendental que é então formulada apresenta-se como um sistema de conceitos que se ocupa não tanto com os objetos, mas com o modo de conhecimento dos objetos.

Em certo sentido, Adorno recupera Kant, propondo uma recuperação da crítica. Pensar como se conhece significa deslocar o foco de atenção dos modelos teóricos previamente formulados para o processo histórico que os determinam, bem como para seus inúmeros condicionantes. Na base dos modelos lógicos e científicos que alimentam o mundo técnico-científico do século XX estaria, segundo Adorno, uma razão instrumental, cada vez mais responsável por uma objetificação do mundo e do próprio homem. Nesse modo, o século XX, com as catástrofes humanas que o caracterizaram, é apanágio de uma prática do conhecimento, de suas técnicas e tecnologias, dissociada de uma verdadeira reflexão crítica.